

“Por um mundo onde muitos mundos possam existir”: patrimônio imaterial e música afro-brasileira na escola

Raiana Maciel do Carmo

Univ. Estadual de Montes Claros/Unimontes
orcid.org/0000-0001-9250-5804
raianamaciel@yahoo.com.br

Marcos Santana Sales

Univ. Estadual de Montes Claros/Unimontes
orcid.org/0009-0005-3629-1967
marcos.tibe.sales@gmail.com

Recebido: 29/07/2023

Aprovado: 31/08/2023

<http://dx.doi.org/10.33054/MEB121504>

***For a world where many worlds can exist:
intangible heritage and Afro-Brazilian
music at school***

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar uma proposta pedagógico-musical voltada para os anos finais do Ensino Fundamental, a qual contempla manifestações da cultura afro-brasileira que se constituem como patrimônios imateriais do Brasil, registrados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Nessa perspectiva, tal proposta aborda três atividades que envolvem o Jongo do Sudeste, o Samba de Roda do Recôncavo Baiano e o Maracatu de Baque Virado, do estado de Pernambuco. Cada atividade abrange uma contextualização histórica, cultural e social destes patrimônios, assim como momentos em que são trabalhados aspectos da apreciação, da performance e da criação musical. Ao contemplar o rico patrimônio imaterial do Brasil, fortalecemos as múltiplas possibilidades de educação musical nas escolas e valorizamos a produção cultural afro-brasileira e dos seus descendentes.

Palavras-chave: Patrimônio Imaterial. Música afro-brasileira. Ensino Fundamental.

Abstract

The aim of this paper is to present a pedagogical-musical proposal aimed at the final years of elementary school, which includes manifestations of Afro-Brazilian culture that constitute intangible heritage of Brazil, registered by the Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). From this perspective, this proposal addresses three activities that involve Jongo do Sudeste, Samba de Roda do Recôncavo Baiano and Maracatu de Baque Virado, from the state of Pernambuco. Each activity covers a historical, social and cultural context of these heritages, as well as moments in which aspects of appreciation, performance and musical creation are worked on. By contemplating Brazil's rich intangible heritage, we strengthen the multiple possibilities of music education in schools and value Afro-Brazilian cultural production and that of its descendants.

Keywords: *Intangible Heritage. Afro-Brazilian music. Elementary School*

Introdução

O Brasil precisa avançar muito dentro da área da Educação, valorizando cada vez mais, não apenas os profissionais da educação, mas valorizando a si mesmo. O Brasil precisaria um desenvolvimento maior da compreensão de si para que ele possa construir um caminho que ele se permita colocar em prática aquilo que a gente tem de mais rico, que é a nossa diversidade. (Daniel Munduruku)

A lógica colonial de exploração, de violência e da imposição pelo poder deixou uma triste herança para a educação no Brasil: a exclusão nos currículos de grupos sociais e culturais que foram marginalizados dentro do processo histórico. A fala do indígena Daniel Munduruku alerta para a necessidade do reconhecimento pela escola sobre quem nós somos. Nesse “nós” cabe uma diversidade de formas de ser e de estar no mundo. E, a ausência do “nós” pode refletir e endossar uma série de violências que são perpetuadas em um sistema de ensino que tem excluído, por exemplo, a história e a cultura africana e afro-brasileira e dos povos indígenas.



Um sinal doloroso dessas violências é o racismo, que se instalou de forma estrutural na nossa sociedade. Em seu livro “Racismo Estrutural”, Silvio Almeida (2019, p. 18) afirma que o racismo é uma “forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam”.

Como parte integrante da nossa estrutura social, o racismo também se revela nas escolas, espaços que ainda reproduzem um modelo monocultural, o qual “entende que todos os povos e grupos compartilham, em condições equivalentes, de uma cultura universal” (FLEURY, 2018). Este modelo tende a balizar a visão de mundo dos/as estudantes e, por isso, é necessário abordar a diversidade cultural nas práticas pedagógicas, visando uma perspectiva intercultural que promova

“[...] uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais” (CANDAUI, 2013, p.23).



Você sabia?

As leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08 são uma forma de reparação histórica que tornam obrigatórios nos currículos das escolas brasileiras o ensino de História e Cultura africana e afro-brasileira e indígena.

O processo de institucionalização do ensino de música no Brasil também reflete essa realidade da abordagem monocultural na educação ao privilegiar a hegemonia da cultura europeia em detrimento das culturas musicais dos grupos sociais que foram

colonizados e mantidos até os dias de hoje em uma posição subalterna. As consequências de um ensino de música que exclui, por exemplo, a produção musical afrodiáspórica estão para além dos muros das escolas, dos conservatórios e das universidades. Conforme Leonardo Batista (2018, p. 122):

Ao NÃO nos implicarmos e nos responsabilizarmos com a questão racial em nossas ações pedagógico-musicais estaremos nós, educadores musicais, corroborando com a legitimação do racismo e, por si só, sendo responsáveis também pelo aumento de negros e negras assassinados no Brasil, de forma simbólica ou física.



Dica de leitura:

Para conhecer uma proposta interessante de valorização da produção musical afro-brasileira no ensino de música, acesse a tese de doutorado do pesquisador Luan Sodré de Souza intitulada “Educação musical afrodiáspórica: uma proposta decolonial para o ensino acadêmico do violão a partir dos sambas do Recôncavo”. Link: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/31655>

A valorização da cultura musical africana e afro-brasileira é, portanto, um dos caminhos para uma educação musical intercultural, que reconheça as diferenças, promova o diálogo entre as diversas culturas e que se fundamente em práticas antirracistas.

Afinal, até quando, Brasil, vamos sustentar esse projeto colonial de ensino de música? Até quando, Brasil, vamos perpetuar os epistemicídios musicais² e a exclusão de práticas culturais que tecem a nossa identidade nacional? Até quando, Brasil, vamos legitimar um ensino de música elitista e descomprometido com os problemas que dia a dia assombram

1. Conforme Sodré (2020) “o conceito de música afrodiáspórica é gestado a partir das produções musicais desenvolvidas pelas populações negras – incluindo africanos e afrodescendentes – e não negras que dialogam com referências de matrizes africanas nos territórios que dialogam com essa diáspora negra”.

peças desfavorecidas pela pátria colonialmente ensinada a ser excludente? (QUEIROZ, 2020, p. 155)

Considerando estes questionamentos e situando a discussão na educação básica, concordamos com Nilma Lino Gomes (2012) quando ela afirma que “descolonizar os currículos é um desafio para a educação escolar” e isso [...] implica conflito, confronto, negociações e produz algo novo”. É neste cenário que sugerimos uma proposta de ensino de música que valorize a diversidade cultural.

O objetivo deste artigo é, portanto, apresentar uma proposta pedagógico-musical, voltada para os anos finais do Ensino Fundamental, a qual contempla manifestações da cultura afro-brasileira que se constituem como patrimônios imateriais do Brasil, registrados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Nessa perspectiva, tal proposta aborda três atividades que envolvem o Jongo do Sudeste, o Samba de Roda do Recôncavo Baiano e o Maracatu de Baque Virado, do estado de Pernambuco. Cada atividade abrange, inicialmente, uma contextualização histórica, cultural e social destes patrimônios, seguida por momentos em que são trabalhados aspectos da apreciação, da performance e da criação musical.

Através das atividades aqui descritas pretendemos fortalecer as múltiplas possibilidades de educação musical nas escolas brasileiras. Ao contemplar o rico patrimônio imaterial do Brasil valorizamos a produção cultural afro-brasileira e dos seus descendentes. Afinal, o combate ao racismo também deve fazer parte de uma proposta de uma educação musical mais humana, que lute por “um mundo onde muitos mundos possam existir” (TORRES, 2020, p. 36)

O que sabemos sobre o Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro?

Quem já ouviu falar na cidade de Ouro Preto-MG, no Centro Histórico de Salvador-BA, ou nas esculturas dos 12 profetas, produzidas pelo artista conhecido como Aleijadinho, localizadas no Santuário de Bom Jesus de Matosinhos-MG? E o que vocês sabem sobre o Samba de Roda do Recôncavo Baiano, o Jongo do Sudeste e o Tambor de Crioula do Maranhão?

É provável que o/a professor/a, ao fazer estes questionamentos aos/as estudantes obtenha respostas que indiquem um maior conhecimento acerca dos bens culturais de natureza material, os quais estão inseridos na primeira pergunta. Os bens imateriais, abordados na segunda indagação, representam um conjunto de práticas culturais de grupos sociais que foram silenciados e marginalizados dentro de todo um percurso histórico e, conseqüentemente, excluídas dos currículos escolares.



Dica:

O(a) professor(a) poderá iniciar as atividades, fazendo essas perguntas para os(as) estudantes. Partindo daí, é muito importante realizar uma contextualização explicando o que é o patrimônio cultural imaterial e qual é a sua importância para a salvaguarda, preservação e valorização da cultura musical brasileira.

Nessa perspectiva é válido destacar que todos estes bens culturais têm algo em comum: eles se constituem como patrimônios culturais do Brasil, títulos concedidos pelo IPHAN. Os bens imateriais, portanto, devem ser valorizados e protegidos tanto

2. Sobre a expressão “epistemicídios musicais”, ver em Queiroz (2017).

quanto os bens de natureza material. Tal preocupação foi destacada pelo Estado brasileiro através da sua Constituição Federal, promulgada em 1988, ao afirmar em seu art. 216 que: “constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira [...]” (BRASIL, 1988).



Para saber mais

“Patrimônio cultural imaterial” são as práticas, representações, expressões, conhecimentos e saber-fazeres – assim como os instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, quando for o caso, os indivíduos reconhecem como fazendo parte de seu patrimônio cultural. Esse patrimônio cultural imaterial, transmitido de geração a geração, é permanentemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu meio, de sua interação com a natureza, e de sua história, e lhes proporciona um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo assim para promover o respeito pela diversidade cultural e a criatividade humana. (CONVENÇÃO PARA A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL, 2003).

Até o patrimônio imaterial ganhar destaque em um documento tão importante como a Constituição Federal, ele foi deixado à margem das políticas patrimoniais no Brasil, as quais privilegiaram o chamado patrimônio de “pedra e cal”, voltado, em sua maioria, para um cenário artístico, histórico e cultural que privilegiava as elites brancas e a dimensão dos bens culturais que representavam valores europeus (CARMO, 2009).

A partir dos anos 2000 a dimensão imaterial do patrimônio passa a ser mais valorizada através do Decreto nº 3551 de 4 de Agosto de 2004, o qual instituiu o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem o patrimônio cultural brasileiro. O decreto presidencial também sugere os diferentes domínios que compõem essa dimensão do patrimônio, por meio da criação dos livros de registro, voltados para os saberes, as celebrações, as formas de expressão e os lugares (CARMO, 2009). Mais de vinte anos após a aprovação deste decreto, o IPHAN já registrou 52 bens como patrimônios culturais imateriais do Brasil.



Para saber mais:

Confiram todos os patrimônios imateriais registrados pelo IPHAN:

Celebrações:



Livro das Formas de Expressão:



Livro dos Lugares:



Livros dos Saberes:





Imagem: ASCOM - Prefeitura Municipal de Lauro de Freitas

Propostas de atividades

As três propostas de atividades são voltadas para estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e poderão ser realizadas no período de até três aulas cada uma. Tendo em vista que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento norteador de currículo na educação brasileira, a utilizamos como referência para especificar as habilidades desenvolvidas³.

Cada atividade está dividida em quatro momentos. O primeiro deles, denominado contextualização, inicia-se com a discussão sobre patrimônio imaterial que foi mencionada na seção **“O que sabemos sobre o Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro?”** deste artigo. E, posteriormente, expõe as dimensões históricas, culturais, sociais e musicais do Jongo, do Samba de roda e do Maracatu⁴. Os outros três momentos compreendem os parâmetros da criação, apreciação e performance, propostos por Keith Swanwick (FRANÇA, SWANWICK, 2002).⁵

Informações gerais sobre as três atividades

Área: Linguagens

Unidade Temática: Música

Componente Curricular: Arte

Turmas: 6º ao 9º ano do ensino fundamental

Habilidades previstas na BNCC a serem desenvolvidas:

(EF69AR34A) Analisar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, local e regional, incluindo suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, e favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

(EF69AR16) Analisar criticamente, por meio da apreciação musical, usos e funções da música em seus contextos de produção e circulação, relacionando as práticas musicais às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética.

(EF69AR20) Explorar e analisar elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de recursos tecnológicos (games e plataformas digitais), jogos, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musicais

Conteúdos relacionados:

Valorização do patrimônio imaterial brasileiro; Criação, execução e apreciação musical; Música afro-brasileira e suas dimensões históricas, culturais e sociais.

3. É importante destacar que a BNCC não é o currículo e que, embora esteja sendo utilizada como referência para as atividades desenvolvidas, devemos analisá-la com um olhar crítico. Para tanto, sugerimos a leitura do texto: DEL-BEN, Luciana; PEREIRA, Marcus V. M. Música e Educação Básica: sentidos em disputa. In: SILVA, Fabiany C. T.; XAVIER FILHA, Constantina (org.). Conhecimento sem Disputa na Base Nacional Comum Curricular. Campo Grande: Oeste, 2019. p.189-209. link https://www.researchgate.net/publication/335797841_Musica_e_Educacao_Basica_sentidos_em_disputa no texto do título do artigo (“Música e Educação Básica: sentidos em disputa”).



Figura 1. Jongo do Sudeste.
Fonte: (IPHAN, 2007)

Atividade 1: Jongo do Sudeste



Músicas utilizadas

1. Ô Mãe África:
<https://www.youtube.com/watch?v=Yol9VsOSObI>
2. Meu cativeiro meu cativerá:
<https://www.youtube.com/watch?v=Yol9VsOSObI>
3. Lá no céu tem três estrelas:
https://www.youtube.com/watch?v=K5GjIO9W6_8



Para saber mais

O jongo é uma manifestação cultural de raízes afro-brasileiras, sendo chamado também de batuque, caxambu ou tambu. Essa manifestação tem como características principais a presença de tambores, de dança coletiva e de elementos mágicos e poéticos, podendo assumir aspectos muito próprios a depender da comunidade que a pratica. (IPHAN, 2007; NADER, 2008).

Contextualização

- Apresentar para a turma as dimensões históricas, culturais, sociais e musicais do Jongo.

Apreciação

- Neste momento, os/as estudantes realizarão a escuta de cada uma das três músicas, atendo-se para os seguintes aspectos:
 - As letras falam sobre o que?
 - Quais são os instrumentos utilizados?
 - Quais são as características do canto?

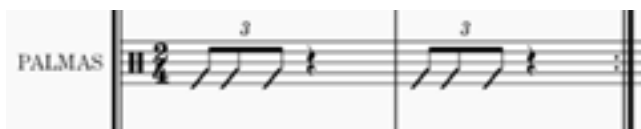
Performance

- No segundo momento, os/as estudantes acompanharão cada uma das três músicas batendo palmas no primeiro tempo forte dos tambores.
- Durante o acompanhamento com as palmas da música “Meu cativeiro meu cativerá”, especificamente, os/as estudantes serão incitados a cantar as partes em que tenham a vocalização “Laiê”.
- Após praticarem as palmas no primeiro tempo forte dos tambores, é possível que os/as estudantes consigam fazer a execução da cantiga com acompanhamento de

4. Para um aprofundamento acerca destes aspectos da contextualização, sugerimos a leitura dos dossiês de registro do Jongo, do Maracatu e do Samba de roda, os quais encontram-se disponíveis nos links que constam nas referências deste trabalho.

5. Conforme essa abordagem de Swanwick (FRANÇA, SWANWICK, 2002), os indivíduos devem participar de processos de composição, apreciação e de performance musical para que sejam capazes de realizar uma compreensão musical genuína. No entanto, acreditamos que a compreensão musical vai além destes processos e, por isso, acrescentamos à proposta um aspecto que consideramos tão fundamental quanto estes três elementos, que é o da contextualização histórica, social e cultural.

palmas mais rapidamente. Sendo assim, o tempo dessas palmas deve ser alterado para três tercinas em colcheia a cada dois compassos de 2/4 iniciando no primeiro tempo forte, conforme descrito na figura abaixo:



- Finalizada essa primeira execução, o/a professor/a deve explicar que algumas cantigas de jongo preservam a melodia dos versos, mas podem variar as letras a depender do lugar onde são executadas. Na cantiga “Lá no céu tem três estrelas”, por exemplo, é possível identificar uma variação das letras dos versos. O verso número 1 consta no áudio que está registrado nessa atividade. Os versos 2, 3 e 4 são variações que podem ser encontradas em outras comunidades jongueiras, conforme descrito a seguir:

1- Lá no céu têm três estrelas, todas três em carreirinha.

Uma é Cosme e Damião a outra é Mariazinha.

2 - Lá no céu têm três estrelas, todas três em carreirinha.

Uma é minha outra é sua e a terceira é de Pastinha.

3 - Lá no céu têm três estrelas, todas três em carreirinha.

Uma é minha a outra é sua, a outra é da virgem Maria

4 - De que vale um pingo d’água no meio da água corrente

De que vale amor bonito longe da vista da gente

Criação

No terceiro momento da atividade, os/as estudantes receberão a proposta de escrever uma nova letra para a cantiga “Lá no céu tem três Estrelas”, utilizando a mesma melodia. O tema das letras pode ser livre.



Para ver e ouvir

Documentário “O Jongo do Sudeste”, produzido pelo Ministério da Cultura/ IPHAN
 Link: <https://www.youtube.com/watch?v=Ae2rRAALDRE>

Atividade 2: Samba de roda do Recôncavo Baiano



Para saber mais

O samba de roda é uma manifestação coreográfica, poética e musical presente em todo o Estado da Bahia, particularmente, na região do Recôncavo Baiano. A performance dos sambadores e das sambadeiras - como se auto denominam os praticantes do samba de roda- não tem data nem local especiais para ocorrer, podendo acontecer em diversos ambientes, como em uma praça, em um bar, ou em uma rua. Além disso, pode estar associada às festas populares do calendário religioso católico e de cultos afro-brasileiros (CARMO, 2009).



Figura 2 – Samba de roda do Recôncavo Baiano
 Fonte: IPHAN, 2006



Músicas e vídeos utilizados

- Vídeo Samba de Roda at Boa Morte Festival (UNCUT version): https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=v3nYsyTk_SI
- Pot-Pourri (sambas tirados da Burrinha) - Minha Burrinha/Vaqueiro/Minha Canoa/Burrinha de Ouro: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=8QKUuzrIIMO>

Contextualização

Apresentar para a turma as dimensões históricas, culturais, sociais e musicais do Samba de roda.

Apreciação

Essa parte da aula iniciará com a exibição do vídeo “Samba de Roda at Boa Morte Festival” (UNCUT version)⁵, seguindo com uma seção de perguntas e comentários, em que alguns pontos devem ser analisados:

- O que as pessoas envolvidas na roda de samba estão fazendo? (Elas cantam? Dançam? Tocam? Batem palmas?)
- Em quais momentos da música elas cantam, tocam, dançam ou batem palmas?

Após essa discussão, os/as estudantes realizarão a escuta da faixa Pot-Pourri (sambas tirados da Burrinha) - Minha Burrinha/Vaqueiro/Minha Canoa/Burrinha de Ouro.

O/a professor/a deve chamar atenção para as músicas Minha Burrinha e Minha Canoa perguntando se eles/as identificam alguma semelhança entre as duas.

Essas semelhanças dizem respeito a uma técnica de composição utilizada no samba de roda, em que os participantes da roda de samba realizam improvisos trocando apenas algumas palavras da letra e preservando o ritmo e a melodia.

A técnica é a seguinte:

Letra original da música “Minha Burrinha”

Minha **Burrinha**
Ela é boa de **Selar**

Minha **Canoa**
Ela é boa de **Velar**

Estrutura base para o improviso

Minha (**objeto, pessoa, animal, etc.**)
Ela/Ele é bom/ruim de (**Verbo**)

Exemplos (música com adaptações na letra)

Minha **Escola**
Ela é boa de **estudar**

O meu **cachorro**
Ele é ruim de **latir**



5. Caso a escola não tenha os recursos necessários para a exibição do vídeo, o/a professor/a pode levar imagens impressas do samba de roda e apresentá-la junto com o áudio da música Pot-Pourri (sambas tirados da Burrinha), sugerida nessa atividade.

Criação

Os/as estudantes construirão individualmente uma nova letra para dois versos da música “Minha Burrinha”, utilizando a estrutura exemplificada anteriormente.

Performance

Ao final da proposta da atividade, os/as estudantes formarão uma roda e cantarão as músicas que compuseram batendo palmas conforme descrito na figura abaixo:



Em roda, cada pessoa de uma vez vai cantar os seus dois versos, seguidos por uma pausa para que o restante do coro responda imitando os versos que foram criados pelo/a colega.

Exemplo:

- O primeiro colega canta:
Minha **escola**
Ela é boa de **estudar**
- O coro responde:
Minha **escola**
Ela é boa de **estudar**
- O segundo colega canta:
O meu **cachorro**
Ele é ruim **de latir**
- O coro responde:
O meu cachorro
Ele é ruim **de latir**

E assim por diante...

Para ver e ouvir

Documentário “Samba de Roda, Patrimônio Imaterial da Humanidade: 15 Anos de Salvaguarda e Conquistas”.

<https://www.youtube.com/watch?v=068cfxUvP8s>

Proposta de atividade: Maracatu de Baque Virado



Para saber mais

O maracatu de baque virado é uma manifestação cultural presente na cultura pernambucana ligado ao carnaval do Recife- PE, em que diversos blocos/nações desfilam com seus conjuntos musicais percussivos acompanhando os cortejos de dançarinos e dançarinas que desfilam pelas ruas da cidade (IPHAN, 2014).

Os cortejos dos maracatus remontam às antigas coroações dos reis e rainhas do congo, e trazem como personagens importantes as calungas, baianas e batuqueiros, que se apresentam com suas fantasias e seus tambores anunciando a chegada da casa real negra (JULIO, 2021).



Figura 3: Maracatu
Fonte: (IPHAN, 2014)



Músicas utilizadas

Evolução de Bateria – Maracatu Estrela Brilhante do Recife: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=GmuOoaueubs&t=2s>

Cheguei meu povo:
https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=uHm8YAX_oFw

Contextualização

Apresentar para a turma as dimensões históricas, culturais, sociais e musicais do Maracatu de Baque Virado

Apreciação

Ao iniciar essa parte da atividade serão projetadas em um Datashow ou mostradas de forma impressas imagens de quatro instrumentos utilizados no maracatu de baque virado, com seus respectivos nomes: Alfaia, Gonguê, Agbê/Xequerê e Caixa.

Os/as estudantes anotarão esses nomes em seus cadernos. Então será dito a eles/as que terão que anotar a ordem em que os instrumentos aparecem em seus solos durante a apreciação do seguinte áudio: Maracatu Estrela Brilhante do Recife.

Durante a audição deve-se atentar os/as estudantes para os seguintes trechos:

- 1 - 00:00s até 00:30s - Quando os instrumentos começam a tocar um de cada vez, deve ser o momento em que os/as estudantes identificarão os timbres;
- 2 - 01:00min até 1:20min - quando acontece um solo de xequerês;
- 3 - 01:44min até 02:00min - quando acontece um solo de caixas;
- 4 - 02:32min até 2:48min - quando acontece um solo de gonguês;
- 5 - 03:35min até 3:50min - quando acontece um solo de alfaias

Performance

Os/as estudantes farão uma nova apreciação tentando imitar as células rítmicas básicas das alfaias falando a onomatopeia “TUM / tum” para sons fracos e fortes deste instrumento, e “TEM / tem” para sons fortes e fracos ao imitar os gonguês.



Após tentarem descobrir as células rítmicas básicas por si, o/a professor/a mostrará como se executa os ritmos corretamente, baseado no que demonstra a figura a seguir:

Então os/as estudantes serão divididos em três grupos, sendo um grupo responsável por reproduzir a célula rítmica da Alfaia e outro por executar a célula rítmica do Gonguê. O terceiro grupo ficará responsável por entoar a cantiga de maracatu do estrela brilhante “Cheguei meu povo.”

Criação

Ao final da atividade, cada um destes três grupos deverá criar uma letra seguindo a melodia da música “Cheguei meu povo”.



Para ver e ouvir:

Documentário T01 E01: MARACATU | Esse Som é Massa produzido pelo historiador Mateus Melo com apoio do governo de Pernambuco disponível no link: https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=_KP7qgrkxo&t=7s

Vídeo da oficina Maracatu de Baque Virado, com Mestre Hugo Leonardo, em que são mostrados os fundamentos musicais desta expressão cultural: https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=WCT73W_I20E

Considerações Finais

Este artigo apresentou uma proposta pedagógico-musical, voltada para os anos finais do Ensino Fundamental, que contempla manifestações da cultura afro-brasileira que se constituem como patrimônios imateriais do Brasil. Nessa perspectiva foram apresentadas três atividades baseadas no Jongo do Sudeste, no Samba de Roda do Recôncavo Baiano e no Maracatu de Baque Virado, do estado de Pernambuco.

Para o desenvolvimento dessas atividades é de fundamental importância que o/a professor/a realize uma contextualização histórica, cultural e social destes patrimônios, assim como trabalhe aspectos da apreciação, da performance e da criação musical. Dessa forma, estes bens culturais serão abordados de uma maneira aprofundada, abrangendo seus aspectos musicais de maneira contextualizada e atenta à realidade dos sujeitos que as constituem.

Ficou evidente que determinados grupos sociais foram silenciados e marginalizados no decurso do processo histórico brasileiro e, conseqüentemente, também foram excluídos dos currículos escolares em função da hegemonia do pensamento europeu/ocidental, o qual preponderou durante os três séculos de colonização e que persiste até os dias de hoje. Essas exclusões, nas quais se incluem as tradições afro-brasileiras, têm gerado uma série de violências, sendo uma delas a prática do racismo.

A partir desta proposta acreditamos que o caminho para um “mundo onde muitos mundos possam existir” também é trilhado por uma educação musical intercultural, que possibilite o reconhecimento as diferenças, a promoção do diálogo entre as diversas culturas e que se fundamente em práticas antirracistas.

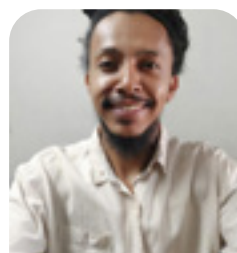
Autores(as)



**Raiana Maciel
do Carmo**

raianamaciel@yahoo.com.br

Graduada na Licenciatura em Artes/ênfase em Música pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), mestra em Música (Etnomusicologia) pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e doutora em Música (Etnomusicologia) pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é professora do curso de Licenciatura em Música e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), ambos da Unimontes, ministrando disciplinas relacionadas à pesquisa, à didática do ensino de música e à educação e diversidade cultural. Nessa universidade coordenou projetos sociais, educacionais e culturais, com destaque para a implantação do curso de Musicalização Infantil da Unimontes e do Museu Regional do Norte de Minas.



**Marcos Santana
Sales**

marcos.tibe.sales@gmail.com

Músico, multiinstrumentista compositor e educador musical, Licenciado em Música pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).



Referências

ALMEIDA, Silvio de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BATISTA, Leonardo Moraes. Educação Musical, Relações Étnico Raciais e Decolonização: tensões, perspectivas e interações para a Educação. *Orfeu*, v.3, n.2, p.111–135, 2018. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/1059652525530403022018111>. Acesso em 13 set. 2023.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 28 jul. 2023.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: CANDAU, V. M. & Moreira, A. F. (Org.). *Multiculturalismo, Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas*. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

CARMO, Raiana Alves Maciel Leal do Carmo. A política federal de salvaguarda e os seus impactos no samba de roda do Recôncavo Baiano. Dissertação (Mestrado em Música). Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Bahia, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/9104> Acesso em 13 set. 2023.

CONVENÇÃO PARA A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL, 2003. <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540por.pdf>. Acesso em 28 de jul. 2023.

FIALHO, Laís. O Maracatu-nação como resistência cultural e religiosa afro-brasileira. In Congresso internacional de história, 8, 2017. Maringá. *Anais [...]* Maringá, 2017. p 1315–1321. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2017/trabalhos/3598.pdf>. Acesso em 13 set. 2023.

FLEURI, Reinaldo Matias. *Educação intercultural e formação de professores*. João Pessoa: Editora do CCTA, 2018.

DOSSIÊ DO MARACATU NAÇÃO: Inventário Nacional De Referências Culturais–INRC do Maracatu Nação Disponível em http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARACATU_NA%C3%87%C3%83O.pdf Acesso em: 12 jul. 2023.

FRANÇA, Cecília Cavalieri; SWANWICK, Keith. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática. Em Pauta, Porto Alegre, v.13, n.21, p.5–41, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmPauta/article/view/8526>. Acesso em 13 set. 2023.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem Fronteiras*, v.12, n.1, p.98–109, 2012.

IPHAN. Dossiê de registro do Samba de Roda do Recôncavo Baiano. 2006. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/publicacoes/lista?categoria=22&busca=> Acesso em: 28 de jul. 2023.

IPHAN. Dossiê do Jongo do Sudeste. 2007. Disponível em http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImDos_jongo_m.pdf Acesso em: 12 jul. 2023

IPHAN. Dossiê do Maracatu Nação. 2007. https://www.google.com/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=0CAIQw7AJahcKEwjYzLXhjrOAAxUAAAAAHQAA AAAQAw&url=http%3A%2F%2Fportal.iphan.gov.br%2Fuploads%2Fckfinder%2Farquivos%2FDOSSIE_MARACATU_NA%25C3%2587%25C3%2583O.pdf&psig=AOvVaw2dV6ZN87nAeLvxK4Mf9Db7&ust=1690692566202270&opi=89978449 Acesso em: 12 julho 2023

JULIO, Michele Távora. Contribuições do Maracatu de Baque Virado na Educação Antirracista. *Sustinere*, Rio de Janeiro, v.9, n.1, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/sustinere/article/view/51038> Acesso em 13 set. 2023.

NEDER, Álvaro. Jongo, literatura oral e música: o futuro do pretérito em jogo no presente das políticas públicas. In: Congresso Internacional da ABRALIC, 11, 2008, São Paulo. *Anais [...]* São Paulo, 2008. p.1–7. Disponível em: <https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simpdios/024.htm> Acesso em 13 set. 2023.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Formação intercultural em música: perspectivas para uma pedagogia do conflito e a erradicação de epistemicídios musicais. *InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação - UFMS*, v.23, n.45, p.99–124, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/intm/article/view/5076> Acesso em 27 jul. 2023.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Até quando Brasil? Perspectivas decoloniais para (re)pensar o ensino superior em música. *PROA: Revista de Antropologia e Arte*, v.1, n.10, 2020. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1vpqq6m9T9sgUmx8VZu31qD06l8n0co_D/view Acesso em 27 jul. 2023.

SOUZA, Luan Sodrê de. Educação musical afrodiáspórica: uma proposta decolonial a partir dos sambas do Recôncavo Baiano. *Revista da ABEM*, v.28, p.249–266, 2020. Disponível em <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/917>. Acesso em 13 set. 2023.

TORRES, Nelson Maldonado. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: COSTA, Joaze Bernardino; TORRES, Nelson Maldonado; GROSFUGUEL, Ramón (orgs.) *Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.